

O Militante



BOLETIM DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Intensifiquemos a luta pelas reivindicações económicas das massas trabalhadoras

As lutas pelas reivindicações económicas das massas trabalhadoras estão intimamente ligadas às grandes acções do nosso povo pela Liberdade, a Independência e a Paz.

Na verdade é nessas lutas travadas quer nos locais de trabalho, quer nos sindicatos e Casas do Povo, quer junto dos governantes e das autoridades locais, pela conquista de salários, jornas e ordenados mais elevados, contra o desemprego, contra o alongamento da jornada de trabalho e a intensificação do seu ritmo, por verdadeiros seguros sociais, etc., que os trabalhadores começam a forjar a sua unidade, formam as suas primeiras Comissões e muitos iniciam a luta em defesa dos seus interesses. Assim começam ganhando consciência da sua força e de como ela pode ser desenvolvida e utilizada.

Sem as muitas e muitas lutas, pequenas e grandes, travadas pelas massas trabalhadoras pelas suas reivindicações económicas, nunca teria sido possível criar o ambiente, a unidade, a organização, capazes de levar às grandes manifestações que o nosso povo, encabeçado pela classe operária, tem feito.

Para essas lutas devem as organizações do Partido voltar uma grande atenção.

Condições objectivas para intensificar as lutas pelas reivindicações económicas das massas trabalhadoras existem. A exploração do trabalho, realizada sob a direcção dum regime terrorista dos monopolistas e latifundiários, cresce continuamente. Embora o nível de vida do proletariado português se situe no mais baixo escalão da Europa, aumenta constantemente o custo da vida. Os próprios géneros alimentícios mais necessários encarecem, quando não desaparecem do mercado. O valor dos salários desce assim ainda mais. O desemprego total atinge muitas dezenas de milhares de trabalhadores e o parcial centenas de milhares. Cada vez há mais razão para lutar contra a exploração económica, para lutar, em particular, por trabalho e por um aumento de salários.

A guerra colonial que agora se estende à Guiné e amanhã se estenderá a Moçambique e outras colónias tem uma repercussão directa no aumento do custo da vida. Para prosseguir na sua criminosa política colonialista, condenada pela história e pela humanidade, Salazar vai continuar a arrancar as verbas de que necessita das massas trabalhadoras, cuja vida se tornará, por isso, com a continuação da guerra, ainda mais difícil.

A luta do nosso povo, aliada com a luta dos povos coloniais levaram o salazarismo à sua mais grave crise. Mesmo internacionalmente Salazar está sendo desmascarado e condenado. Esta crise permite que as lutas económicas se tornem rapidamente mais combativas e dá-lhes um maior valor político.

O ministro das Corporações apregoa com grande alarido os contratos colectivos que são assinados e as «grandes regalias» que eles conferem aos trabalhadores, embora ele saiba muito bem que essas «grandes regalias» não são senão pequenos aumentos de salários, arrancados através duma acção da classe operária, por vezes bem dura e prolongada. Com esse alarido e as suas recentes viagens somente pretende enganar e impedir que se desenvolvam as lutas económicas das massas trabalhadoras, cuja importância não desconhece.

Igualmente a repressão terrorista cai sobre os trabalhadores logo que se movimentam pelas suas aspirações mais prementes e humanas. Mas nem a demagogia nem o terror conseguirão impedir a intensificação das lutas.

Recorrendo a processos diversos, de acordo com as circunstâncias, o proletariado português continua a lutar e a preparar-se para lutas mais agueridas, continua a acumular experiências que lhe serão preciosas para a continuação da sua acção, continua, com o seu espírito de combate, a dar o exemplo a todo o povo e a desempenhar justamente o papel de vanguarda na Nação.

As experiências colhidas nas recentes lutas dos



valentes pescadores da Gafanha, que recorreram à greve para conquistar um aumento dos seus ganhos, dos trabalhadores da Companhia dos Telefones, que recorreram a grandes concentrações e manifestações na empresa e no Sindicato para arrancarem a esse monopólio estrangeiro o aumento dos seus salários e outras melhores condições de trabalho, dos trabalhadores dos Transportes Colectivos do Porto que, para obterem um aumento dos seus magros salários chegaram, após longos meses de acção, a manifestarem-se nas ruas em luta contra as forças repressivas, dos chapeleiros de S. João da Madeira, dos vidreiros da Marinha Grande, do pessoal dos Serviços de Gás e Electricidade do Porto, dos operários da Trefilaria e da Fábrica da Loixa de Sacavém, dos operários agrícolas de várias terras do Alentejo e Ribatejo, etc., etc., devem chegar a todo o lado. Tais lutas devem ser um incentivo para que em muitas outras empresas, para que em muitas outras terras, os operários industriais, os trabalhadores rurais, os pescadores, os empregados, lutem também pelas suas reivindicações económicas.

As nossas organizações (e aqui cabe um papel de grande destaque aos Secretariados de Célula e aos Comités de classe) devem procurar assimilar essas experiências e levá-las para dentro dos locais de trabalho.

A todas as organizações do Partido compete estudar muito bem quais os problemas que mais se fazem sentir entre os seus companheiros de trabalho. Embora por vezes, em certas alturas e em certas empresas possa haver reivindicações mais prementes e, dum modo geral, são essas que devemos agarrar primeiro, normalmente o que é mais sentido é o aumento dos salários e a conquista de trabalho. A luta por aumento de salários tem unido e mobilizado os operários (e os empregados) de grandes empresas onde esses salários são menos baixos. Com mais razão objectiva tal luta pode unir e mobilizar os operários (e empregados) das outras empresas: A luta por trabalho deve unir as dezenas e centenas de milhares de trabalhadores, da cidade e dos campos, que se debatem com o desemprego, o qual faz-se sentir principalmente nas regiões do grande latifúndio.

Para isso é indispensável que as organizações partidárias não façam só um trabalho de distribuição da imprensa e de recolha de fundos, como tantas vezes sucede, mas actuem como verdadeira vanguarda dentro da empresa e entre a sua classe.

Ou seja, é preciso que os membros do Partido, auxiliados pelos simpatizantes, façam um constante trabalho de esclarecimento dos seus companheiros, não sobre a necessidade do aumento de salários ou outras reivindicações que todos compreendem, mas sobre a possibilidade de as conquistar e sobre as vias que conduzem a essa vitória.

Se a organização do Partido numa dada empresa, numa dada terra ou classe, desempenha o seu papel de orientação e direcção das massas, é evidente que, como resultado das conversas rea-

lizadas ou, como melhor será, das reuniões de trabalhadores efectuadas, resultará um estado de espírito que conduza à acção, um ambiente onde é já possível formar uma Comissão que vá ao patrão pedir o aumento de salários, que vá ao Sindicato defender essa necessidade, que vá às autoridades exigir trabalho, etc.

Por vezes sucede uma vitória logo após a primeira acção, mas em regra não é assim que se passa. Normalmente o patrão, a autoridade e também as Direcções Sindicais que não defendem os interesses dos trabalhadores, procuram pelo menos adiar uma resposta.

A luta tem então que continuar e de tomar formas novas. Para que isso se torne possível é necessário que os trabalhadores estejam bem cientes de que nada se consegue sem persistência e luta e que é necessário sempre manter uma grande unidade e ir reforçando a organização.

Quanto às formas indicadas para continuar a luta isso depende de muitos factores de modo que só as condições concretas podem indicar o melhor caminho. Na luta na empresa a concentração de todo o pessoal na gerência, ou à hora da saída ou, melhor, à hora do trabalho com a respectiva paralização, permite muitas vezes uma vitória quando todos os trabalhadores mostram nessas concentrações uma firme disposição. Outras vezes é normal o recurso à diminuição do ritmo de trabalho, à «cera». Na base duma boa unidade, a «cera» permite fazer uma grande pressão sobre os patrões. Outras vezes só com o recurso à greve e até a outras manifestações se obtém a vitória necessária.

Embora seja no local de trabalho onde se deve situar o fundamental da acção, tem importância que se procure fazer chegar a luta até ao Sindicato, à Casa do Povo, etc. Em alguns casos isso permite a mobilização das camadas mais atrasadas e, outras vezes, possibilita o alargamento da luta a outras empresas chegando a interessar nela toda uma classe.

Por isso uma adequada combinação da luta no local de trabalho e na associação de classe dá lugar a uma ampliação da luta, permite maiores vitórias e consciencializa e prepara mais trabalhadores.

Em algumas empresas e locais os nossos camaradas dizem que as massas não estão unidas e por isso não é possível fazer nada.

É evidente que para actuar é indispensável haver um desejo comum e uma vontade comum. Mas será que em alguma empresa ou terra os operários não estão interessados na conquista de trabalho ou em ver aumentados os seus ganhos? Decerto que não.

Mas orientar e dirigir não é esperar que os companheiros de trabalho se unam e se convençam por si da possibilidade de conquistar reivindicações através da acção. Para orientar e dirigir é preciso trabalhar constantemente, com muita persistência e paciência, no sentido da unidade. Só os trabalhadores que são bons companheiros

de trabalho, que são honestos e leais, que são bons profissionais, só os trabalhadores que têm prestígio e são ouvidos pelas massas podem orientá-las e dirigi-las.

Cabe aos comunistas essa tarefa honrosa; por isso é indispensável que eles se destaquem pelo seu espírito de camaradagem, de lealdade, de modéstia e também de compreensão em relação às dificuldades dos seus companheiros de trabalho.

Em outros locais, particularmente batidos por uma intensa repressão, notam-se igualmente dificuldades no trabalho partidário em relação à mobilização das massas. Tirando experiência das lutas passadas é necessário fortalecer a unidade dos trabalhadores. Para isso, não podendo avançar logo em grandes passadas para a acção, devem-se dar passos pequenos e procurar formas muito abertas, capazes de atrair mesmo os trabalhadores menos dispostos. Se é ao Sindicato ou à Casa do Povo que é mais possível levar as massas, então que comecemos por aí, sem nunca esquecer que, logo que possível, se deve fazer incidir a luta na própria empresa. O fundamental é nunca pararmos na acção de unir, organizar e mobilizar.

À classe operária portuguesa compete um papel decisivo na luta contra o fascismo. As lutas trava-

das mostram bem que a classe operária está disposta a desempenhar esse papel.

Se salientamos aqui a importância das lutas económicas não é para diminuir a maior importância, a importância fundamental que cabe à luta pela conquista da liberdade política, a aspiração que une actualmente todo o nosso povo e é a mais decisiva.

Mas as lutas económicas são um factor de grande importância para o esclarecimento das mais amplas massas proletárias, para atrair à acção as suas camadas mais atrasadas, para reforçar a unidade da classe operária e para lhe mostrar como a organização é a sua arma mais poderosa.

A intensificação da luta dos trabalhadores pelas suas reivindicações económicas não irá, porém, somente fortalecer a unidade da classe operária, organizando-a firmemente e dando-lhe uma consciência e uma experiência de muito valor. Ela terá repercussão imediata no reforço da unidade das forças democráticas e terá como consequência um fortalecimento da organização do nosso Partido e das massas.

A intensificação da luta das massas trabalhadoras pelas suas reivindicações económicas é indispensável para caminhar-mos resolutamente para o derrubamento do fascismo.

Se fores preso, camarada...

É necessário ter sempre presente que se pode ser preso de um momento para o outro. É preciso saber o que é a PIDE, como ataca ela o comunista que lhes cai nas mãos, que processos de tortura e de manha ela emprega, como pode o comunista defender-se das habilidades, das pressões, das torturas, e passar mesmo ao ataque contra o inimigo mais bárbaro do nosso povo.

Donde vem essa necessidade a todo o membro do Partido? Do carácter mesmo do fascismo, da agudização da crise em que se debate e do que ele é capaz de pôr em prática para manter os «sagrados» privilégios da burguesia monopolista. A enormidade do aparelho repressivo e militar terrorista criado contra a classe operária e o seu Partido, em particular, e contra todo o movimento democrático e progressista, em geral, a diversidade e modernidade dos meios de que esse aparelho dispõe, permite ao inimigo de classe aproveitar os mínimos deslizamentos, as menores faltas, confrontá-las com o conhecimento que já adquiriu (ou lhe foi dado pelos traidores) dos nossos métodos de trabalho e tecer as teias em que caímos depois.

Todo o nosso Partido está voltado para a sua defesa. O Secretariado e a Comissão Executiva do Comité Central tomam medidas drásticas que depois o Comité Central aprovou e desenvolveu ainda. A Comissão Executiva, orientando-se pelas directrizes traçadas pelo Comité Central, aplica-as inflexivelmente. No seu conjunto notam-se melhorias sensíveis na actividade prática do corpo de funcionários do Partido. Mas ainda há gran-

des passos a dar. Há faltas que assinaladas uma, duas, três vezes se repetem, pelo mesmo ou por outros camaradas.

No conjunto do Partido também se notam aqui e acolá progressos nos cuidados conspirativos, mais visíveis onde os funcionários dão o exemplo de disciplina e de combate intransigente às faltas. Porém as várias células dos organismos regionais de direcção têm mostrado que nos comités regionais e locais, entre os camaradas das células de empresa, dos sectores estudantil, intelectual, feminino e até militar há faltas gravíssimas que se repetem — fomes por extenso, moradas, locais de encontro ou de reunião, credenciais mal passadas, perda de documentos, atrasos aos encontros, enganos nos locais, inconfiáveis constantes, falta de vigilância, etc. Estas faltas tornam o Partido extremamente vulnerável à acção do inimigo.

A luta contra a indisciplina, contra as faltas, contra a inconfiável, progride pois lentamente demais para as necessidades de defesa do Partido. Ora quer a inconfiável, quer a indisciplina, quer as várias faltas às regras conspirativas podem só por si conduzir o militante do Partido aos braços assassinos da PIDE. Não nos enganemos porém. Mesmo sem faltas alguns cairão na teia preparada pelo enorme aparelho repressivo. O inimigo tem uma capacidade real de assestar golpes sérios aos comunistas e outros democratas. Essa capacidade vem-lhe da eficácia de alguns dos seus meios, da sua experiência acumulada ao longo de 37 anos e reforçada pelas experiências fornecidas pelas



policías americana, francesa, alemã e outras e pela sua associação na Interpol, e da extensão enorme da rede de agentes, de informadores, de funcionários pressionados a tornarem-se bufos para garantirem o emprego, etc. A PIDE já tem utilizado as porteiros dos prédios, os chauffeurs de táxi e a central dos rádio-táxis, os cobradores de gás, electricidade e água, os fiscais da Emissora Nacional, os mendigos e as prostitutas. A PIDE obriga a PSP, Polícia Judiciária, a GNR, a G. Fiscal, a PVT, a prestar-lhe serviços. Os carros-patrolha da PSP, as instalações telefónicas para chamadas urgentes da polícia, os policistas à paisana para regular o trânsito ou multar os automobilistas, as operações «stop», os «estados de sítio» com horas de recolher, as buscas em camionetas de passageiros, a livre circulação da polícia e da GNR nos comboios, as buscas aos frequentadores das tabernas para ver se têm isqueiros sem licença (I), são medidas que visam o Partido da classe operária, os militantes desprevenidos ou descuidados, com imprensa nos bolsos ou coleccionada em casa, entrando em casas de «queimados» ou frequentando locais maus do ponto de vista conspirativo.

Hoje para seguir na rua um militante não haverá sempre necessidade de ir atrás dele. Os carros-patrolha e outros sem qualquer indicação aparente dão pela rádio informações localizando a nossa marcha, a direcção que seguimos e que outro carro com aparelhagem de rádio interceptará mais adiante, sem que nos apercebamos disso. As tele-objectivas nas máquinas fotográficas e de filmagem seguem-nos e fotografam-nos a distância, binóculos de longo alcance aproximam-nos deles para poderem ver com quem realizamos determinados encontros.

Esta a dura realidade da capacidade repressiva da PIDE e dos seus aliados e colaboradores. Esta a razão porque afirmamos que se pode ser preso de um momento para o outro. Esta ainda a razão porque se exige de cada militante que de acordo com esta situação esteja sempre preparado para enfrentar a prisão e defender-se, defendendo a sua actividade e o seu Partido.

Para elevar a compreensão desta tarefa vai o Partido editar novamente o folheto «Se fores preso, camarada». Será a 4ª edição e, tal como nas anteriores, foram introduzidas algumas novas experiências. A ideia fundamental, porém, é inalterável: **NA POLÍCIA NÃO SE FALA!**

Este folheto, que é um dos que melhor acolhimento sempre tiveram junto dos membros do Partido e até das massas, encontra naquela ideia a razão do seu sucesso. Ela é dada de forma clara e precisa e põe de sobreaviso quanto às torturas, às habilidades policiais, às pressões de todo o tipo. É um folheto para ler, ler várias vezes, estudá-lo, divulgá-lo e fazer sobre ele perguntas aos camaradas mais responsáveis. Todas as dúvidas, todas as hesitações, todas as justificações devem ser expostas ou perguntadas aos controladores e discutidas nos organismos. O folheto «Se fores preso, camarada» deve ser novamente base de largas discussões sobre o comportamento na polícia.

É necessário que em cada organismo do Partido os militantes afirmem a sua posição de comunistas face aos inimigos da classe operária e do povo. Dentro do Partido, como militantes, muito menos como responsáveis, não devem estar os fracos, os que confessam já que não sabem qual será a sua atitude, que só depois de lá estar é que verão, que depende se a polícia já sabe ou não, que não há outro remédio senão confirmar se aparece outro preso na sua frente a dizer que o conhece, etc.

Aquele que afirmar desde já a sua fraqueza, o seu medo, ou mesmo só a sua incerteza, é ainda um homem honesto que não quer prejudicar a

classe operária. O Partido. Ser-lhe-á possível ajudar a luta de forma positiva noutras organizações democráticas ou com tarefas muito mais simples, de pouca responsabilidade, de pouca probabilidade de ser preso. E durante essa nova situação, continuando-se a discutir com ele o que é a Pide, o que é o Partido, por que é um crime falar na Pide, a vitória da nossa causa, os exemplos de bons comportamentos da parte de homens tão simples como ele, etc, poderemos forjar o combatente de que o Partido precisa: aquele que nada dirá à polícia que possa prejudicar o Partido e a continuação da luta cá fora.

Aquele que sentindo medo, que pense ser-lhe impossível aguentar as inúmeras torturas físicas e morais a que pode ser submetido, e não o confesse nas discussões em curso sobre comportamento na polícia é já terreno fértil à traição. Reparemos no exemplo abjecto do canalha que dá por nome de Pedro Manuel e que é responsável da prisão de Rolando Verdial e dos seus companheiros. Preso a 22 de Janeiro, declarara com a maior desfaçatez numa reunião do seu organismo em Novembro: «De mim não levam nada, mesmo que morra»; «Comigo eles poderão jogar com as pessoas de família, etc., que nada adiantam. O ódio que tenho à Pide é também a garantia de que nem um olhar nem uma palavra terão de mim»; «hei-de sair de lá sem que nenhum camarada tenha de me virar a cara».

Estas frases lidas hoje são um retrato de um vil e miserável traidor. Só falou verdade quando disse sobre a possibilidade de ser torturado e de vir a ficar doente. «Se ficar doente, isso cura-se. A traição é que não tem cura». Não, não tem cura. Para todo o sempre Pedro Manuel é um ser desprezível, um homem de duas caras que enganou o Partido, a classe operária, os seus companheiros de luta e que merece o ódio de todo o homem honesto.

Se fores preso, camarada, lembra-te deste exemplo de vileza e agarra com todo o teu ser os exemplos de Pires Jorge, Octávio Pato, Dias Lourenço, Américo de Sousa, Carlos Costa, dirigentes do Partido, mas também de Júlio Martins, Augusto Lindolfo, João Honrado, José Bernardino, Albina Silva, Jorge Araújo, Natália David, Silva Marques e tantos, tantos outros que recentemente souberam defender os nossos ideais e o nosso Partido, que souberam ter confiança na luta que lá fora continuava e há-de um dia libertá-los e libertar a classe operária e o povo português do terror fascista.

Com a tua resistência frente ao inimigo estás defendendo uma trincheira importante. Fora, outros homens e outras mulheres defendem outras, atacam as posições do inimigo fascista, rasgam o caminho da liberdade e da democracia organizando, organizando no Partido e na Frente Patriótica de Libertação Nacional mais homens e mais mulheres, erguendo novos combatentes que lutarão unidos contra o regime e os seus crimes, que assestarão no salazarismo golpes profundos e acabarão por o esmagar.

Reforcemos A INFLUÊNCIA DO PARTIDO ENTRE OS JOVENS

A actuação consequente de algumas organizações do Partido em relação à juventude tem permitido o recrutamento de muitos quadros jovens e o alargamento da influência partidária entre a nova geração. Esse tem sido um trabalho de muito valor para o nosso Partido.

Entre as organizações comunistas de jovens que se têm desenvolvido devemos pôr em destaque as de alguns sectores estudantis que, tendo-se ligado estreitamente à massa dos estudantes do seu sector e encabeçado acções em defesa dos seus interesses, não só se têm forjado como organizações dirigentes de massas como se têm alargado e fortalecido. O que se tem avançado neste terreno em alguns lados mostra bem como é possível também em outros sectores estudantis, criar ou alargar importantes organizações partidárias, reforçar a influência comunista entre os estudantes.

Liguemos as organizações partidárias de jovens às massas

É necessário que o exemplo de acção de tais organizações seja seguido pelas outras organizações partidárias de jovens. Na verdade existem em algumas terras, classes e empresas, organizações comunistas de jovens, já com um bom número de elementos, as quais, no entanto, não conduzem qualquer acção constante em defesa dos seus companheiros de trabalho, em prol da unidade da juventude e da conquista das suas aspirações. De várias dessas organizações dificilmente nos chegam informações duma actividade ou duma luta. Porquê?

Não estamos tratando de organizações que possam só existir no papel. De modo algum. Do que se trata é de que para alguns camaradas nossos ainda não está claro que ser membro do Partido é forçosamente ser um activista, que um membro do Partido deve desenvolver um constante trabalho de esclarecimento e de mobilização das massas.

É possível que alguns desses militantes se dediquem principalmente a tarefas de agitação mas, embora em certas ocasiões tais tarefas, dada a sua importância, possam até mobilizar grande parte de uma organização, de modo nenhum se pode esquecer que é na própria acção que as massas se esclarecem e que por isso é para esse meio de esclarecimento, o melhor que existe, que temos de as conduzir.

Em todas as empresas onde trabalham jovens há constantes problemas que lhes dizem respeito e

que nos levam a actuar, a unir os companheiros de trabalho, a organizá-los e a orientá-los na acção.

Em particular aos jovens interessa muito uma ampla acção de confraternização. Em passeios, festas, jogos, etc., mobilizam-se grandes massas de jovens que através da confraternização podem ganhar maior consciência dos seus problemas.

Também a actividade nas colectividades é, em geral, muito do agrado da juventude. Nelas os nossos camaradas podem, ao mesmo tempo que ganham hábitos de organizadores e de dirigentes, exercer uma influência progressista sobre vastas massas.

Tudo isto não significa que os jovens se desinteressem da actividade política, ou melhor dito, duma actividade com um conteúdo mais acentuadamente político. De modo algum. Aos nossos jovens camaradas compete ir atraindo os seus companheiros de trabalho e os seus amigos a acções em defesa da Paz, contra a guerra colonial, em prol da Amnistia, pela Liberdade, etc.

Neste campo, assinala-se a necessidade de alargar muito mais a participação da juventude na luta contra a guerra colonial.

A luta contra a guerra colonial interessa de modo muito especial à juventude pois é com dezenas de milhares de jovens que o regime fascista de Salazar está conduzindo uma guerra cruel contra povos que se desejam libertar da escravidão.

Tudo o que o nosso Partido realizar entre a juventude terá uma repercussão certa na acção dos soldados contra a guerra colonial e na elevação do movimento juvenil.

Mas é preciso ter sempre em consideração que grande massa dos jovens pode ainda não ter um pensamento político formado e, em relação a esses, a sua mobilização não pode ser conduzida desde logo para acções que revestem um carácter mais político.

Isto é tanto mais de ter em conta quanto é certo que em algumas organizações de jovens o sectarismo instala-se com facilidade.

Sucedo que jovens que vêm ao Partido passam a olhar para os outros jovens com ares soberceiros, impantes dum conhecimento ou duma ligação que os outros não possuem. Isso é muito mau.

Bem ao contrário, o que importa é que os nossos camaradas jovens saibam actuar junto dos outros jovens, saibam atraí-los para as comissões que se formam para dirigir qualquer iniciativa ou luta, e para os organismos políticos unitários que englobam jovens de todas as tendências anti-fas-



cistas dirijam acções em prol das aspirações gerais da juventude.

Não se pode dizer que só há comunistas e... «desinteressados». Isso não é assim. Os nossos camaradas jovens não se podem afastar donde vivem, labutam ou reúnem massas de jovens. Só na medida em que nos despirmos dos nossos ares de «políticos», de «esclarecidos», e soubermos actuar e ligarmo-nos às massas de jovens «desinteressados» é que estamos cumprindo o nosso dever de comunistas. E com essa acção que, no fim de contas, mostramos que somos verdadeiramente **políticos** e que o nosso **esclarecimento** não é uma coisa que «sobe à cabeça» mas sim a compreensão do nosso papel entre a juventude.

Aos nossos camaradas jovens compete uma grande tarefa que é a de unir a juventude, de a organizar e de a mobilizar em defesa das suas aspirações. A juventude une-se confraternizando e lutando. A juventude organiza-se em muitas e muitas comissões, desde as que se destinam a dirigir qualquer actividade cultural ou de confraternização até às que se formam para a luta por uma reivindicação económica, social ou política. A juventude organiza-se em amplos movimentos legais para a defesa de algumas das suas aspirações. A juventude organiza-se também em Juntas Patrióticas que devem constituir um extenso movimento ilegal capaz de dirigir largas acções pelas reivindicações juvenis.

Uma tarefa de todo o Partido

A contribuição dos nossos camaradas jovens para a luta do nosso povo é valiosíssima. A sua acção entre a juventude, **entre as grandes massas da juventude** desempenhará um importante papel para a nossa luta.

Entretanto a união, organização e mobilização da juventude não pode ficar só a cargo das organizações partidárias de jovens que já existem. **Esse trabalho tem de ser um trabalho de todo o Partido.**

Na Resolução do Comité Central de Dezembro passado sobre organização afirma-se: «Subsistem ainda muitas regiões do país onde não existe um só organismo de jovens militantes do Partido». Isto significa, dum modo geral, que em grandes regiões a influência do nosso Partido entre a juventude é extremamente reduzida. Esta constatação é grave.

Todas as organizações devem discutir porquê não recrutam jovens para o Partido, porquê não há uma influência partidária entre a juventude, porquê não se formam organismos partidários de jovens.

Há muitos exemplos de camaradas nossos que afirmam que os jovens «querem é bola», que são umas «crianças», que são muito «perigosos» etc.

Nestas expressões constancia-se toda uma grave incompreensão sobre a juventude.

Os jovens são, dum modo geral, mais generosos, mais destemidos, mais irrequietos. Tudo isso constitui características da juventude, de todos aqueles que sabem que têm um largo futuro à sua frente. Para eles, na medida em que compreendem que podem ter influência nesse futuro, não há nada que tolha os seus passos e caminham em frente na conquista dum mundo melhor para si e para todos.

A conquista pelo nosso Partido da potencialidade revolucionária que existe na juventude é de extrema importância. Não podemos aceitar as incompreensões dos camaradas que desprezam a juventude. Há que as combater sistematicamente mas ao mesmo tempo há que encontrar as formas concretas que nos levem à juventude de muitas outras terras, empresas, classes, etc.

Aos jovens que já estão organizados compete um intenso trabalho nesse sentido. Melhor que ninguém eles podem recrutar jovens. Por isso tem muita importância que nos organismos de jovens já existentes se coloque seriamente a possibilidade de ligação de jovens de outras terras. Podemos mesmo ir mais longe. Particularmente em relação a certas organizações de jovens elas podem desempenhar um importante papel para o alargamento do nosso Partido a algumas zonas do País onde a nossa influência é ainda muito reduzida.

Algumas tarefas

Resumindo as ideias, há que salientar entre os variados problemas relacionados com a juventude:

- a necessidade de recrutar mais jovens, muitos mais jovens para o nosso Partido, de modo a fortalecer as organizações já existentes e a alargar, em toda a extensão do território, a nossa influência organizada entre os jovens.
- a necessidade de activação de todas as organizações comunistas de jovens, assente numa verdadeira ligação com amplas massas juvenis
- a necessidade de todo o Partido ajudar a unir, organizar e mobilizar a juventude, para o que é indispensável vencer as incompreensões que existem em muitos camaradas a respeito da importância do trabalho do Partido entre os jovens.
- a necessidade de ajudar os movimentos e associações onde os jovens lutam legalmente por algumas das suas reivindicações, alargando-os e fortalecendo-os, e de incentivar a criação de novos movimentos legais.
- a necessidade de criar muitas Juntas Patrióticas de jovens, um amplo movimento juvenil anti-fascista que englobando jovens de várias tendências dirija as acções da jovem geração pelas suas aspirações específicas, pela Paz, a Independência e a Democracia.